

O problema da dívida externa está cansando tanto os credores como os devedores. Não são os negociadores brasileiros que o dizem, mas um recente relatório do Banco Mundial sobre a dívida dos países em desenvolvimento. Cinco anos são decorridos desde o momento em que o México, decretando sua inadimplência, provocou a crise da dívida externa, que acabaria envolvendo a grande maioria dos países devedores do Terceiro Mundo. Naquela ocasião, acreditava-se que o problema seria logo resolvido, mas a verdade é que, com o passar do tempo, a crise se agravou. Até o Banco Mundial reconhece que as soluções propostas são insatisfatórias e que é necessário encontrar nova saída para a pendência que ameaça o equilíbrio econômico e político no mundo ocidental.

O cansaço dos negociadores já havia sido sentido na última reunião anual do FMI e do Banco Mundial, em setembro do ano passado, em Washington. Pela primeira vez, pessoas tão eminentes como o secretário do Tesouro norte-americano, sr. James Baker III, falaram em novas fórmulas destinadas a salvaguardar a cooperação internacional. O recém-publicado relatório do Banco Mun-

dial justifica suficientemente essa posição.

Em 1981, os países mais oprimidos pela dívida, entre os quais se inclui o Brasil, obtinham um fluxo líquido de recursos equivalente a 18,4 bilhões de dólares, mas, desde 1983, esse fluxo se inverteu, isto é, os países endividados passaram a remeter para os países credores mais recursos do que receberam. De 1983 a 1987, esse refluxo custou, aos países devedores, 95,9 bilhões de dólares. Os investimentos, nesses países, caíram vertiginosamente, como também o consumo *per capita* e as importações.

O relatório do Banco Mundial lava seu diagnóstico: "O crescimento nos países endividados continua sendo a chave do problema". Afirma também que, em tais condições, é natural que "a retórica do confronto tenha aumentado". Diz ainda: "É evidente que a condição enunciada pelo secretário do Tesouro norte-americano, James A. Baker III, em 1985, como necessária para sustentar o ajuste dos países endividados e conduzir à retomada do crescimento ficou ausente durante quase todo o período da crise da dívida". O crescimento econômico dos países indus-

trializados, que poderia incrementar as exportações dos países do Terceiro Mundo, foi insuficiente, e o preço das *commodities* caiu. Mais dramática foi a redução dos desembolsos dos bancos credores do setor privado, que montavam a 91,4 bilhões de dólares em 1981 e baixaram para apenas 49 bilhões em 1987.

Em seu relatório, o Banco Mundial reconhece que os países endividados se empenharam em severa política de ajuste, que lhes permitiu aumentar o saldo de sua balança comercial, na esperança de tornar a obter empréstimos dos credores. O fato de não o terem conseguido explica a frustração dos países endividados, cujo consumo diminuiu e cujo índice de desemprego aumentou. Não há dívida que urge encontrar novas fórmulas de solução.

O Banco Mundial faz referência a algumas dessas novas fórmulas, entre as quais a conversão da dívida em capital de risco e a securitização com deságio. Alude à reação dos credores, que acumularam mais provisões, fato que teve como consequência, em alguns casos, dificultar ainda mais a obtenção de novos créditos. A leitura do relatório do Banco Mun-

dial deixa, todavia, a desagradável impressão de que essas novas fórmulas são desproporcionais à magnitude do problema.

Sem dizê-lo expressamente, os autores do relatório do Banco Mundial, que consideram imprescindível a redução das remessas líquidas efetuadas pelos países endividados, deixam transparecer a opinião de que não haverá solução para o problema sem a intervenção direta dos governos dos países credores, em colaboração com os bancos, com o fim de aliviar o serviço da dívida externa. Propostas nesse sentido não faltam, e o relatório do Banco Mundial menciona algumas. A que nos parece mais pertinente e funcional é a criação de um Fundo de Compensação dos Juros, apresentada pelo sr. Alfred Herrhausen, do Deutsche Bank, e que se assemelha a uma proposta feita anteriormente pelo ex-presidente do Banco Central, sr. Carlos Langoni. De 1981 a 1987, a dívida externa resgatável a longo prazo quase dobrou e, hoje, chega a 930,5 bilhões de dólares. Mas a miséria dos países endividados também aumentou. Urge encontrar uma solução nova. É o próprio Banco Mundial que o afirma.